

O 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos - 1946: uma análise da participação dos médicos católicos da capital mineira no Congresso Nacional

The 1st Brazilian Congress of Catholic Physicians - 1946: an
analysis of the participation of Catholic physicians from the capital
of Minas Gerais in the National Congress

Lucas Lolli Vieira

Doutorado em História

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Campus Cláudio

Professor visitante no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) - Campus Arcos

lucas.lolli@yahoo.com.br

Recebido: 09/08/2025

Aprovado: 27/10/2025

Resumo: Este trabalho objetiva acompanhar os médicos católicos da capital mineira, com especial foco nas suas participações no 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos. Belo Horizonte vivenciou um orgânico movimento médico católico constituído por associações profissionais e devocionais que atuaram na construção da autoridade e prática médica caritativa. A disposição do laicato em transcrever em práticas os preceitos da Ação Católica caracterizou o processo de expansão da assistência à saúde na capital, concentrados nas Vilas Operárias na região nordeste da cidade. Entre seus espaços de militância, os médicos católicos de Belo Horizonte também tiveram especial participação no Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, que ocorreu em Fortaleza/CE, em 1946, propondo, sobretudo, a criação de uma deontologia médica católica.

Palavras-chave: Congresso de Médicos Católicos; Ação Católica; Associativismo leigo profissional.

Abstract: This study aims to follow the Catholic physicians of the capital of Minas Gerais, with a special focus on their participation in the 1st Brazilian Congress of Catholic Physicians. Belo Horizonte experienced an organic Catholic medical movement, made up of professional and devotional associations that contributed to the construction of medical authority and charitable medical practice. The laity's willingness to translate the precepts of Catholic Action into practice shaped the process of expanding healthcare in the capital, particularly in the Workers' Villages in the northeastern region of the city. Among their spaces of activism, the Catholic physicians of Belo Horizonte also played a notable role in the Brazilian Congress of Catholic Physicians, held in Fortaleza, Ceará, in 1946, advocating, above all, for the creation of a Catholic medical deontology.

Keywords: Congress of Catholic Physicians; Catholic Action; Associativism between Lay and Professional

Os médicos católicos da capital mineira

A escolha da antiga Vila Curral del-Rey para a nova capital de Minas Gerais trazia uma situação peculiar à Comissão de Obras: construir da antiga fazenda uma nova cidade para sediar a nova capital mineira no intervalo de quatro anos (VISCARDI, 2007). Para tanto, a Vila Curral del-Rey logo se transformou em um jardim de obras que necessitava de uma constante leva de imigrantes e trabalhadores para serem realizadas. Quando inaugurada, em 1897, Belo Horizonte era ainda uma cidade inacabada e distante dos traçados imaginados pela Comissão de Obras liderada por Aarão Reis. A nova capital trazia em seu nascimento uma antiga contradição: imaginada sob os preceitos da modernidade e do higienismo, Belo Horizonte sentia e convivia com os signos da exclusão e da pobreza logo em seu processo de construção. A situação foi acentuada, sobretudo, a partir da década de 1920, quando houve um acelerado processo de desenvolvimento econômico. Se por um lado Belo Horizonte assumia o protagonismo econômico no estado e ampliava seu parque industrial, em especial na região nordeste da cidade, por outro aumentava, concomitantemente, a pobreza e a ocupação das áreas não planejadas.

A cidade vivia também a expansão de sua rede de assistência à saúde. Embora contasse com uma Santa Casa de Misericórdia desde o início do século XX, foi necessário reformular e expandir seu incipiente aparato assistencial. A criação da assistência à saúde em Belo Horizonte realizou-se mediante expressiva atuação dos grupos leigos católicos, com especial destaque para a Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP). A chegada da SSVP ao estado mineiro data de 1875, quando foi fundada a primeira conferência do estado na cidade de São João Del-Rey. O primeiro Conselho Particular criado em Minas Gerais foi o de Ouro Preto, fundado em março de 1895, enquanto que data de 1902 a fundação do primeiro Conselho Central de Minas Gerais, em Mariana, transferido em 1905 para Ouro Preto e elevado a Conselho Metropolitano em 1915 (150 anos da SSVP, p. 7, [1983]).

Em Belo Horizonte, a fundação das conferências vicentinas mesclou-se com o nascimento da própria cidade, pois, quando inaugurada a nova capital do estado em 1897, a cidade já contava com a Conferência Nossa Senhora da Boa Viagem, fundada em 15 de agosto daquele ano. Passadas quase duas décadas, em 1919, foi fundado o Conselho Metropolitano de Belo Horizonte, momento no qual a SSVP possuía nove Conferências e um Conselho particular na capital. A década posterior foi marcada pela expansão da SSVP na capital, momento no qual registrou um maior crescimento e capilarização da SSVP em Belo Horizonte (CIDADE OZANAM, p. 1-10, S/D). Somente na década de 1930, foram

criados ao menos onze Conselhos Particulares e setenta e uma Conferências, contra cinco Conselhos Particulares e cinquenta Conferências que haviam sido criadas entre 1897 a 1929.

Não obstante, a expansão e a capilarização da SSVP pela capital mineira produziram uma reestruturação das obras caritativas ofertadas pela instituição de leigos católicos na cidade. Certamente, incentivada pelo decreto lei nº 20.351 publicado em agosto de 1931 por Getúlio Vargas, formalizando a criação das Caixas de Subvenções para instituições leigas de prestação de assistência à saúde (GONÇALVES, 2011) e inspiradas pelo contexto da Ação Católica mineira, a SSVP de Belo Horizonte tornou-se, a partir de então, a principal instituição caritativa da capital, sobretudo, referente às obras de assistência dedicadas à atenção à saúde. Desta forma, foram criados, nos primeiros anos da década de 1930, a Creche e Lactário Menino Jesus, o Hospital São Francisco de Assis da Corporação de Médicos Católicos e a Cidade Ozanam (VIEIRA, 2020).

A parceria constituída entre a SSVP, a prefeitura de Belo Horizonte e os médicos católicos da capital (em sua maioria confrades vicentinos), nas décadas que seguiram à fundação da nova capital, caracterizou o nascimento e a expansão da atenção à saúde em Belo Horizonte. A expansão de moradias em áreas não regulamentadas pela prefeitura da capital, principalmente na área nordeste da cidade, fez com que o poder municipal procurasse, a partir da década de 1920, criar novas regulamentações legais levando à formação das primeiras vilas operárias da cidade, em especial a Vila Operária da Concórdia. A regulamentação deste território foi um processo acompanhado pela doação de terrenos à SSVP para que se construísse uma rede de assistências composta por diversos estabelecimentos caritativos, administrados pelo Conselho Metropolitano da SSVP de Belo Horizonte (VIEIRA, 2020).

A atuação dos vicentinos na capital mineira, sobretudo na constituição da assistência à saúde, era o reflexo do grupo que melhor absorveu os preceitos do Catolicismo Social e da Ação Católica (A.C.), inspirados na encíclica papal *Reverum Novarum*. Assim, constituiu-se na capital um forte movimento religioso entre o laicato católico da cidade que reverberou nas formas de assistir. Potencializado pela chegada do primeiro bispo, Dom Cabral, à Capital, este movimento religioso, amparado pelas bases que formariam nas décadas seguintes a Ação Católica, criou raízes e um exército de militantes leigos.

A chegada de Dom Cabral, em 1922, à capital mineira afinava as relações do movimento católico belo-horizontino com o movimento de neocrisandade nacional, iniciado pelo cardeal Arcoverde no Rio Janeiro, e levado a finco com a nomeação, ocorrida no ano anterior, 1921, de Dom Leme para arcebispo do Rio de Janeiro. Leme procurou articular a criação de um grande projeto de recristianização e de neo-crisandade do Brasil, capitaneado entre as elites do país e na aposta na formação intelectual do militante leigo, cujo marco foi a fundação do Centro Dom Vital - liderado por Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. O Centro Dom Vital tornou-se o epicentro para a divulgação dos ideais da Ação Católica Brasileira, por meio da organização de periódicos católicos, como, por exemplo, o jornal “A Ordem”, principal periódico católico da Capital. Dentre as ações exitosas do Centro, destaca-se, por exemplo, a coroação de Nossa Senhora Aparecida como a Santa Padroeira do Brasil e a inauguração do monumento do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, ambas parte das lutas do arcebispo pela “recristianização” do Brasil.

Elegendo a laicidade do ensino público como o inimigo do povo mineiro, Dom Cabral traçou uma verdadeira cruzada contra o fim da obrigatoriedade do ensino religioso na Educação Pública, bandeira esta que serviu para mobilizar os principais agentes do laicato belo horizontino, entre estes, o médico católico Roberto Almeida Cunha. Reconhecido pela sua forte influência no catolicismo militante mineiro, o dr. Almeida Cunha, juntamente com sua esposa, organizou uma série de grupos católicos leigos e foi voz ativa nos congressos religiosos. Escrevendo no jornal “O Horizonte” em 28 de dezembro de 1927, o médico abordou a questão do ensino religioso nas escolas públicas mineiras:

As premissas são legítimas e logicamente encadeadas: o desfecho é certo e impõe-se: - ou o Estado aceita de frente o problema e resolve tomando a si a educação católica que faz os nove décimos, notoriamente, de sua atual população; - ou o Estado abandona tal questão e assiste impassível o esboroamento desse complexo cuja unidade é a sua própria vida. Escolha a primeira ponta do dilema e teremos uma geração de brasileiros unidos sob a mesma bandeira, pugnando pelo mesmo ideal, constituídos em uma única nação coesa, homogênea, forte, inexpugnável! Enverede, ao invés, pelo outro ramo e se amontoarão sob o símbolo auriverde do Brasil punhados heterogêneos de cidadãos que se não compreendem mutuamente e por força incoercível da lição universal não tardarão em retalhar, segundo as respectivas predileções, o bloco magnífico de 9 milhões de quilômetros quadrados que nasceu sob o signo salvador da Santa Cruz! (ALMEIDA, 1927 *apud*: MATOS, 1990, p.80).

A vitória de Dom Cabral nas terras mineiras antecipou em três anos o que viria a acontecer efetivamente após o golpe getulista e o início da chamada Era Vargas. Com a nomeação do mineiro Francisco Campos a chefe do recém-criado Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP), o ex-

secretário do Interior de Minas Gerais, e um dos fundadores e líder da Legião de Outubro – grupo leigo que unia intelectuais mineiros em torno da militância católica, que tinha ainda no mesmo grupo nomes expoentes como de Gustavo Capanema – articulou com “[...] a presença do Arcebispo de Belo Horizonte e do o presidente da República [a assinatura do] decreto autorizando o ensino da religião nas escolas federais, estaduais e municipais de todo o país” (CUNHA, 2007: 256)

Dom Cabral também incentivou a militância católica no mundo do trabalho. Dutra (1988) procura mostrar a presença maciça da Igreja Católica belo-horizontina no movimento operário ressaltando a atuação destes grupos na Confederação Católica do Trabalho. Assim, segundo a autora, a atuação da Confederação Católica do Trabalho estava dividida em dois sentidos: o primeiro, na luta pelos direitos trabalhistas e na melhoria das condições de vida dos operários, o segundo, na luta contra a disseminação das ideias socialistas no meio operário. A Confederação Católica e as demais associações que a ela se aglutinaram procuraram, ao decorrer das décadas de 1910 e 1920, agirem em um “esforço de mobilização ideológica, em sentido inverso ao de resistência, ou melhor, no sentido de desmobilização revolucionária [...]” (DUTRA, 1988: p. 171), procurando criar ações e realizações concretas que visassem a harmonia e a supressão da luta de classes. Desta forma, Dutra caracteriza que a Confederação Católica procurava “reduzir a capacidade de mobilização autônoma dos sindicatos, reduzindo a sua função de protesto e de oposição” e com a “anuência do Estado – na sua presença conciliadora -” a Confederação Católica acabaria por resultar “num movimento operários dócil e dentro da ordem” (DUTRA, 1988: 172).

Além da formação da Confederação Católica do Trabalho, outro aspecto assumido pela militância leiga no mundo do trabalho deu-se ao incentivo para formação de associações corporativistas de carácter devocional. A constituição de associações profissionais e devocionais era parte das estratégias utilizadas pelo clérigo católico, com especial atenção para Dom Cabral, que a fim de capilarizar o movimento religioso dentro do mundo das profissões, corroborando para uma visão moral sobre o ofício profissional. Para tanto, a SSVP belo-horizontina foi, novamente, a instituição leiga responsável por capitanear e transformar em ação os anseios clericais. Criou-se, assim, filiado ao Conselho Metropolitano da SSVP de Belo Horizonte, ao menos, cinco corporações profissionais-devocionais, a saber: A Corporação de Médicos Católicos, Corporação de Dentistas Católicos, Corporação dos Engenheiros Católicos, Corporação dos Advogados Católicos e a Corporação de Médicos Católicos (Livro de Atas do Conselho Metropolitano, 1927-1936, p. 169-172).

A constituição de corporações profissionais dentro do universo católico e dos grupos de leigos católicos certamente não se limitou apenas à qualidade devocional, ao apoio papal e ao fervor da militância católica dos leigos, muito embora estes não tenham sido fatores de menor importância. As fundações de corporações profissionais católicas estavam em consonância com os interesses corporativos e profissionais, em um contexto específico de regulamentações estatais e transformações internas do campo profissional, momento no qual procuravam, como na medicina, por exemplo, garantir para si o monopólio das práticas curativas, desenvolver uma autoridade cultural médica, promover a profissionalização da medicina e a inscrição da medicina na vida social (PEREIRA, 2001). Assim, interesses pessoais e a militância em defesa dos interesses profissionais corporativos, alinhavados pela militância religiosa da Ação Católica, e o incentivo à formação das corporações profissionais para defesa dos princípios católicos dentro da categoria profissional foram convergidos para a fundação das diversas corporações de profissionais da Capital.

O associativismo leigo profissional fomentou a constituição de corporações profissionais e devocionais que são caracterizadas sob uma dupla problemática identitária: primeira, a constituição da sua identidade profissional, pois, formada por profissionais, representantes de um saber, que lutaram e se organizaram em torno da manutenção de seus interesses; a segunda, a constituição da sua identidade devocional. Desta forma, compreendemos que o associativismo católico não é movido exclusivamente pelo caráter devocional, mas, sobretudo, pelo caráter técnico e científico de seus membros, que irão postular seus saberes e colocá-los em prática num contexto muito específico, com seus entrelaçamentos profissionais e devocionais.

De acordo com Marques (2005), data de 27 de setembro de 1871, na França, a fundação da primeira sociedade médica São Lucas sob os auspícios do Papa Leão XIII. Como sabido, o Papa Leão XIII foi o responsável pela publicação da encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, que representou uma inflexão no catolicismo ao aproximar a Igreja Católica aos operários. De acordo com a autora, a encíclica propunha a criação de uma terceira via harmoniosa para resolução dos conflitos sociais que superasse a luta de classe do socialismo e o materialismo do capitalismo. Essa terceira via seria instrumentalizada pela criação de “corporações [católicas] e sua pregação incentivou a organização dos católicos em corporações específicas. Assim, surgiram as associações de operários, estudantes, mulheres, engenheiros e médicos católicos, entre outras” (MARQUES, 2005, p.120).

Em Belo Horizonte, a primeira Associação Médica-Cirúrgica constituiu-se logo na primeira década do século XX, e exerceu relevante papel corporativista ao centralizar os interesses de um determinado grupo de médicos da capital e promover as articulações que culminaram na criação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em 1911. Contudo, a primeira associação médica católica na capital viria acontecer somente no final da década de 1920. O jornal da diocese belo-horizontina, *O Horizonte*, trouxe, em 24 de novembro de 1928, intitulado “Intellectuaes catholicos”, um editorial que fazia votos para que se fundasse na capital mineira uma corporação de médicos católicos:

Já formulamos aqui uma vez o nosso voto para que se pudesse ver nesta capital, dentro em breve, uma Sociedade Médica São Lucas, isto é, uma associação de médicos católicos. Foi no Rio que se fundou a primeira do Brasil, reunindo alli o que a Medicina tem de mais representativo, um desmentido formal a esta corrente afirmação de que a Medicina tende a fazer de seus cultores outros tantos materialistas. Este anno foi S. Paulo que fundou a sua, com festas dignas da significação do acontecimento em que mais uma vez se marca o avanço que a Igreja vae fazendo nos espíritos sérios e ponderados. [...] a acta da inauguração foi assignado por cincoenta médicos catholicos...Renovamos agora os nossos votos: queremos ver em breve os nossos médicos católicos – e graças a Deus os temos reunidos numa Associação São Lucas, porque é nestas organizações que repousa uma grande força de Acção Catholica (MARQUES, 2005, p. 121).

O apelo do jornal católico foi ouvido, e assim fundou na capital a primeira corporação católica de médicos de que se tem notícia, no dia de 4 de abril de 1929, a Sociedade Médica São Lucas (*O HORIZONTE*, 8 de abril de 1929). De acordo com o periódico, a inauguração da Sociedade foi precedida por uma cerimônia religiosa que ocorreu na Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem, com missa realizada pelo Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Cabral. O ato solene foi presidido pelo próprio arcebispo que dividia a mesa da Academia com os “Drs. Borges da Costa, Alberto Cavalcanti, Almeida Cunha, Araújo Penna e Olyntho Orsini.” Aberta a sessão, realizou-se a cerimônia para a posse da mesa administrativa da Academia, que foi formada pelo “presidente honorario, D. Antonio dos Santos Cabral; Presidente, Dr. Borges da Costa; Vice-presidente, Prof. Almeida Cunha; Secretario Geral, Dr. Olyntho Orsini; Secretario, Dr. Alberto Cavalcanti, e Thesoureiro, Dr. Magalhães Gomes.” A sessão contou com a participação de diversos outros médicos, inclusive com o Dr. Araujo Penna, presidente da Sociedade de São Lucas, do Rio de Janeiro, que em discurso proferido na ocasião dissertou “pelo auspicioso facto de sua fundação.” Seguiu-se a palavra ao Dr. Roberto Almeida Cunha e, por fim Dom Cabral, que afirmava “sentir-se imensamente satisfeito com a criação, entre nós, da Sociedade de São Lucas” (MARQUES, 2005, p. 124).

Ainda segundo Marques (2005), o médico Olinto Orsini, que ocupava o cargo de secretário na Sociedade São Lucas, era “professor de dermatologia e sifilografia da Faculdade de Medicina, presidia o Conselho Superior da União dos Moços Católicos, dirigia o periódico ‘União dos Moços’ e, em 1929, começou a dirigir, também, o jornal católico ‘O Horizonte’, ou seja, era uma das maiores lideranças do movimento leigo em Minas Gerais” (MARQUES, 2005, p. 122). O médico Roberto de Almeida Cunha, além de professor de microbiologia da UMG e empossado vice-presidente da Sociedade médica São Lucas, era um dos principais nomes da militância católica mineira, participando de Congressos Católicos de Belo Horizonte, escrevendo nos jornais da capital e assumindo, em 1937, o cargo de Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica (MARQUES, 2005, p. 122).

A aproximação dos médicos com a Igreja Católica de Belo Horizonte teve ampla convergência na ação de alguns médicos mais influenciados pela Ação Católica, como, por exemplo, os médicos Olinto Orsini, Roberto Almeida Cunha e Lúcio José dos Santos, sendo o último reitor da Universidade de Minas Gerais. Os três eram amigos pessoais de Dom Cabral, sendo os médicos Olinto Orsini e Roberto Almeida Cunha professores da Faculdade de Medicina e importantes lideranças da Ação Católica belo-horizontina que participaram na fundação da Juventude Estudantil Católica, da Juventude Universitária Católica, da Juventude Operária Católica e da União dos Moços Católicos. Um exemplo da atuação dessas lideranças leigas e a aproximação com a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte pode ser observada, quando entre 1931 e 1933, o Reitor da Universidade de Minas Gerais, Lúcio José dos Santos, participou de forma ativa na inauguração da Juventude Operária Católica, ocorrido dentro da própria instituição. O que se percebe é que os agentes do campo religioso e do campo científico/universitário circulavam entre a Igreja e a Universidade. A constituição das corporações profissionais devocionais consolidaram essa característica e, assim, a crença privada destes homens entrelaçam suas atividades públicas de militância profissional, formando um trânsito de mão dupla com a permeabilidade dos agentes religiosos nas instituições de saúde e dos agentes do campo científico/médico nas instituições religiosas. Assim, foi que deste circuito formado entre o trânsito de professores e estudantes da Universidade de Medicina de Belo Horizonte, confrades da Sociedade São Vicente de Paulo e membros do clero católico belo horizontino, nasceu, em 1935, a Corporação de Médicos Católicos (CMC) da Sociedade São Vicente de Paulo.

A Corporação de Médicos Católicos de Belo Horizonte

Em 10 de junho de 1935, dezesseis médicos e oito estudantes da Faculdade de Medicina de Minas Gerais se reuniram no Conselho Metropolitano da SSVP e fundaram a Corporação dos Médicos Católicos de Belo Horizonte (CMC). A CMC foi o principal grupo médico a atuar na assistência caritativa aos pobres de Belo Horizonte durante as décadas de 1930/1940. Em parceria com o Conselho Metropolitano da SSVP, os médicos filiados à CMC estiveram presentes nas principais obras caritativas de Belo Horizonte, atuando tanto na clínica médica quanto na administração das instituições. Assim, os médicos católicos da CMC destacaram-se na prestação da assistência à saúde aos pobres socorridos pela SSVP nas instituições de saúde, a saber: Lactário Menino Jesus, Hospital São Francisco de Paulo e Cidade Ozanam. Todas estas instituições caritativas localizadas na região nordeste de Belo Horizonte, em especial, construídas no perímetro da Vila Operária da Concórdia¹.

A adesão de novos médicos para membros da CMC está prevista no 2º artigo do estatuto da CMC e, assim, “serão admittidos todos os medicos diplomados que sendo cathólicos praticantes, forem propostos por dois membros da “Corporação” e acceitos pela sua directoria” (Livro de atas, 1927-1936, pág. 169). Os objetivos da CMC constam regimentados em seu 4º artigo, que devem:

1º estreitar laços de amizade christã entre os incorporados. 2º assistir com os recursos medicos todos os pobres socorridos pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, em varios ambulatorios, e, quando necessario, nos seus proprios domicilios; 3º ministrar aos pobres instrucções no sentido de observarem medidas hygienicas e preventivas de contagio de enfermidades; 4º dar ás mães noções de hygiene pre-natal e de puericultura, fornecendo por meio do lactario, alimentação sã e substancial ás creancinhas pobres; 5º facilitar por meio de uma sociedade medica, munida de bibliotheca e com sessões de estudos, o progresso scientifico dos seus associados; 6º defender a doutrina catholica, quando atacada em assumptos relacionados com as sciencias medicas (Livro de atas, 1927-1936, p. 170).

Em observância ao inciso nono do artigo 4º “Dos objetivos”, percebemos que “a directoria poderá acceitar o concurso de medicos não catholicos praticante, a titulo de collaborador”, assim, ressaltava o caráter corporativista para filiação de novos membros. Desta forma, o estatuto da CMC

¹ A CMC se difere dos demais grupos médicos católicos que houveram na capital mineira por diferentes aspectos: todas as associações médicas católicas que precederam a CMC tiveram uma existência efêmera, enquanto a CMC esteve ativa até 2009. Outra diferença fundamental encontra-se nas características dos seus membros: enquanto a Associação Médica São Lucas foi constituída por médicos já consagrados na capital e de grande relevância no campo científico/acadêmico, sendo todos professores da Faculdade de Medicina, a CMC foi formada por médicos de perfil bem distinto: como se verá, todos eram médicos recém-diplomados, de origens distintas, buscando adentrar ao mercado de trabalho, construir suas respectivas carreiras profissionais e conquistar lugares de mais prestígio dentro do campo médico.

procurava dar um recorte primeiramente profissional para aqueles que aspirassem filiar à Corporação: apenas médicos, ou estudantes de medicina, podiam tornar-se membros da Corporação e quanto aos seus objetivos estes revelavam as permeabilidades e trocas entre a medicina e a religião².

A CMC é formada por uma “directoria composta de um presidente e um vicepresidente, nomeados pelo presidente do Conselho Metropolitano, e um secretario, um thesoureiro e um bibliothecario, nomeados pelo presidente da “Corporação”, devendo serem todos vicentinos” sendo que “o presidente e o vicepresidente ficam fazendo parte do Conselho Metropolitano” (Livro de atas, 1927-1936, p. 170). Para tanto, foram nomeados o confrade Francisco de Souza Lima para a presidência da CMC e o confrade Tupy Coutinho Soares para a vice-presidência da CMC – cargo que ocupou até 12 de outubro de 1936, quando solicitou exoneração por ocasião da mudança de Belo Horizonte e, assim, foi nomeado o novo vice-presidente, Delor Ferreira (Livro de atas, 1927-1936, p. 189). Por ocasião da fundação da CMC, foi também proposto que o médico Roberto de Almeida Cunha fosse proclamado confrade honorário da CMC (Livro de atas, 1927-1936, p. 167).

Segundo consta no estatuto fundador da CMC, de 1935, foram elencados 24 médicos na qualidade de fundadores da Corporação, sendo eles os drs. Francisco de Souza Lima, Delor Luis Ferreira, Tupy Coutinho Soares, Berardo Nunan, Rodovalho Mendes Domenici, Mario Vas de Mello, José Ribeiro, Victor Lacombe, Jayme Werneck, Persio Pereira Pinto, Hilton Rocha, José Pinheiro Chagas, Ubirajara França Dinis, [Acacio] Dolabella, Paulo Miranda e João Ignácio da Costa Santos; e os doutorandos José Mariano, Theophilo de Souza Lima, Antonio Ximenes de Moraes, Arlindo Polizzi, Antônio Nunes Carvalho, Domingos Magalhães Lopes, Deodoro Barcellos e José Amaral Castro (Livro de atas, 1927-1936, p. 169, 170 e 171).

Dentre os 24 signatários da ata de fundação da CMC, foram mapeados no presente estudo os dados biográficos de 22 médicos, sendo que, dentre estes, 13 nasceram entre 1901-1910 e outros 9 nasceram entre 1911-1920³. Desta forma, quando estes profissionais se reuniram para fundar a CMC

² Vale mencionar que no ano seguinte, em 1936, o estatuto da CMC foi refeito, reformulando, entre outros, o artigo 4º “Dos objetivos”. Assim, neste novo estatuto reformulado o artigo 4º é acrescido de dois novos objetivos, quais sejam, “Criar e manter uma revista medica, que será órgão official da ‘Corporação’” e “fundar um syndicato medico para defender os interesses da classe” (Estatuto da Corporação de Médicos Católicos, 1936). O acréscimo destas novas disposições estatutárias para os fins da CMC reforça o entendimento da Corporação como um espaço de militância orgânica em prol da profissionalização da medicina.

³ Os médicos nascidos entre 1901-1910 são: Acácio Correa Dolabella, Berardo Nuna, Delor Luis Ferreira, Francisco de Souza Lima, Jayme Eiras Furquim Werneck, José Pinheiro Pinheiro Chagas Filho, José Ribeiro Filho, Mário Vaz de Mello,

em 1935, a média de idade deste grupo era de 25 anos, o que revela uma característica importante entre os membros: os médicos fundadores da CMC eram jovens, recém diplomados e com pouco tempo de inserção no mercado de trabalho. Uma outra característica compartilhada entre os membros do grupo é referente a suas respectivas origens regionais. Dentre os 22 médicos mapeados, um total de 20 deles eram nascidos em Minas Gerais, apenas um nascido no Distrito Federal e um em Queluz, no estado de São Paulo⁴. Dentre os 20 médicos nascidos em Minas Gerais, todos provieram das regiões mais desenvolvidas do estado: Zona Central (10), Sul de Minas (4), Triângulo Mineiro (3) e Zona da Mata (3)⁵.

A fundação da nova capital de Minas Gerais reaqueceu um debate outrora realizado e que se encontrava até então paralisado: a criação de uma Faculdade de Medicina em Minas Gerais. Dentre os 24 médicos fundadores da CMC, foram 22 os que concluíram os estudos na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, entre os anos de 1927 a 1938, momento em que a Faculdade de Medicina ingressou na Universidade de Minas Gerais⁶. A Faculdade de Medicina de Belo Horizonte serviu como epicentro para todo o desenvolvimento do campo médico de Minas Gerais, atraindo para si jovens de outras regiões do estado e de diferentes classes sociais para realizarem suas respectivas formações acadêmicas médicas. Entre os médicos da CMC é possível perceber que todos - ou quase todos - frequentaram os corredores do prédio de Medicina simultaneamente, convivendo no mesmo espaço físico e vivenciando um modo particular de construção do campo da saúde na capital, que, como se argumentou, foi marcado pela aproximação entre a Igreja e a Universidade. Todos os membros da CMC foram alunos dos médicos católicos fundadores da Sociedade Médica São Lucas, anteriormente mencionados, em especial os professores Olinto Orsini e Roberto Almeida Cunha.

Paulo de Castro Miranda, Pérsio Pereira Pinto, Rodovalho Mendes Domenici, Tupy Coutinho Soares e Ubinajara França Dinis; os médicos nascidos entre 1911-1920 são: Antônio Nunes Carvalho, Antônio Paulo Ximenes de Moraes, Biagio Arlindo Polizzi, Deodoro Barcellos Correa, Domingos Magalhães Lopes, Hilton Ribeiro Rocha, José Amaral Castro, José Mariano e Theofilo de Souza Lima.

⁴ São estes os médicos José Pinheiro Chagas Filho, nascido no distrito federal, e José Amaral Castro, nascido em Queluz.

⁵ Da região central do estado provieram os médicos: Acácio Correa Dolabella, Biagio Arlindo Polizzi, Berardo Nunan, Deodoro Barcellos Correa, Domingos Magalhães Lopes, Jayme Eiras Furquim Werneck, José Mariano, Mário Vaz de Mello, Tupy Coutinho Soares, Ubinajara França Dinis. Do sul de Minas provieram os médicos: Antônio Paulo Ximenes de Moraes, Francisco de Souza Lima, Hilton Ribeiro Rocha e Pérsio Pereira Pinto. Do triângulo mineiro provieram os médicos: Antônio Nunes de Carvalho, Delor Luis Ferreira, Paulo de Castro Miranda. E da região da Zona da Mata provieram: José Ribeiro Filho, Rodovalho Mendes Domenici e Theophilo de Souza Lima.

⁶ Dentre os dados mapeados apenas os médicos Victor Lacombe e Pérsio Pereira Pinto não concluíram suas respectivas formações acadêmicas na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

Em relação à construção das carreiras profissionais e inserção no mercado, é possível também perceber algumas características em comum. Todos os médicos da CMC atuaram na clínica médica e foi possível perceber uma tendência quanto à atuação deles: a maioria optou por exercer sua profissão pelo perfil do médico especialista. Entre os 17 médicos sobre os quais encontramos alguma informação a respeito do perfil médico adotado na construção de sua respectiva carreira – especialista ou generalista – 15 deles optaram pela escolha da formação do perfil médico especialista. Dentre as especialidades médicas escolhidas pelos fundadores da CMC, sete deles foram médicos pediatras⁷, outros dois escolheram a ginecologia e a obstetrícia⁸, um escolheu a cardiologia⁹, um a oftalmologia¹⁰, um a otorrinolaringologia¹¹, um a fisiologia¹², um a cirurgia, urologia e sífilis¹³, e um a especialidade em moléstias de nutrição¹⁴.

Uma década após sua fundação, a CMC era o grupo médico católico mais ativo e sua atuação se destacava na atenção à saúde aos pobres e trabalhadores de Belo Horizonte. Seguindo o crescimento da capital e a regulamentação das áreas ocupadas pela Prefeitura da capital, a CMC mantinha uma rede de atendimentos médicos concentrados na Vila Operária da Concórdia, composta por uma série de estabelecimentos destinados ao amparo e assistência à pobreza: a Creche e Lactário Menino Jesus, o Hospital São Francisco e a Cidade Ozanam. A atuação desses médicos não se limitou somente à clínica médica, e podemos encontrar a participação destes em outras frentes, como revistas acadêmicas, revistas leigas e a participação no Sindicato Médico de Belo Horizonte. Assim, quando em 1946 se anunciou o 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, ocorrido em Fortaleza, Ceará, os médicos católicos de Belo Horizonte se organizaram para estar presentes.

⁷ São eles os médicos Acácio Correa Dolabella, Antônio Nunes de Carvalho, Berardo Nunan, Deodoro Barcellos Correa, Francisco de Souza Lima, José Ribeiro Filho e Pêrsio Pereira Pinto.

⁸ Refere-se ao médico Jayme Eiras Furquim Werneck e Victor Lacombe.

⁹ Refere-se ao médico Biagio Arlindo Polizzi.

¹⁰ Refere-se ao médico Hilton Rocha.

¹¹ Refere-se ao médico José Pinheiro Chagas Filho.

¹² Refere-se ao médico Mário Vaz de Mello.

¹³ Refere-se ao médico Theophilo de Souza Lima.

¹⁴ Refere-se ao médico Tupy Coutinho Soares.

O 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos e a os médicos de católicos de Belo Horizonte

O 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos representou o ponto mais alto da militância de médicos católicos brasileiros da primeira metade do século XX. Embora ainda necessite de mais pesquisas, tanto em âmbitos locais e regionais quanto em âmbito nacional e internacional, para compreender o fenômeno do associativismo médico católico, compreender suas especificidades locais e seus diálogos em termos nacionais, é possível perceber uma certa tendência e um crescente desenvolvimento de associações médicas católicas na América Latina e, em especial, no Brasil. Como mostrado por Marques (2005), a primeira corporação médica católica nasceu na França em 1871 sob os auspícios do papa Leão XIII. Rodriguez (2005) demonstra a existência do fenômeno de médicos católicos na Argentina quando estes criaram a primeira associação, o Consórcio de Médicos Católicos Argentinos, em 1929. A autora argumenta sobre a existência de um ambiente sócio-religioso no contexto dos anos de 1920 e 1930 na Argentina que uniu a militância em defesa dos interesses profissionais ao contexto religioso promovida pela ação católica. Nesse sentido, como demonstrado pela autora supracitada, a Argentina vivenciava, a exemplo do Brasil, um grande projeto católico de neocristandade que refletia também no mundo das profissões. Assim, tanto lá como cá, um contexto muito específico foi se constituindo ao longo das primeiras décadas do século XX, unindo os interesses profissionais aos religiosos, reverberando nas corporações de ofício.

No Brasil, as corporações médicas católicas começaram a ser fundadas no início do século XX, quando em 1904, no Rio de Janeiro, se fundou a primeira corporação médica brasileira que se tem notícia. Em São Paulo a Associação Médica São Lucas foi fundada em 1928, na Bahia em 1933, Pernambuco e Porto Alegre, ambas em 1939 (Festa São Lucas, 2023, Associação Brasileira de Médicos Católicos), enquanto em Belo Horizonte foi fundada a primeira associação Médica São Lucas em 1929 e, em 1935, a Corporação dos Médicos Católicos. Foi em ocasião da expansão das corporações médicas pelo Brasil que se formou o 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, ocorrido entre os dias 1 e 7 de julho de 1946, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, para celebrar a fundação da Sociedade Médica São Lucas do Ceará. Para o movimento de médicos católicos no Brasil, o evento representou

a possibilidade da construção de uma rede de médicos católicos norteados por uma deontologia médica-cristão.¹⁵

A realização do Congresso contou com a mobilização de agentes do campo político, médico e religioso, e, assim, em uma rápida leitura dos grupos que aderiram e estiveram presentes no 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, percebe-se que o evento obteve relativo êxito ao conseguir articular interesses e representantes de campos distintos. Embora convidado, o Presidente Dutra não podendo ir, fez do General Onofre Gomes de Lima seu representante. Juntando-se ao General Lima, estiveram presentes o governador de Pernambuco, o representante do ministério da Fazenda, Dr. Raimundo de Oliveira Barbosa Lima, e o Presidente da Embaixada Pernambucana, Dr. Joaquim da Costa Carvalho. Dentre diversos membros clericais presentes no Congresso, citamos a presença dos Cardeais do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, o arcebispo de Belo Horizonte, D. Cabral, bem como os Arcebispos da Bahia, Olinda, Recife, Fortaleza, Belém, Florianópolis, Cuiabá, Paraíba, Maceió, além de uma enorme quantidade de padres, bispos e monsenhores. Assinaram a adesão ao Congresso um total de 483 médicos e estiveram presentes no evento os representantes da Faculdade de Medicina do Recife, Instituto Hahnemanniano do Brasil-Escola de Medicina e Cirurgia, Instituto Brasileiro de História da Medicina, Sociedade Brasileira de Neurologia, psiquiatria e Medicina Legal, Liga Brasileira de Higiene Mental, Médicos Católicos do Rio Grande do Norte, Academia Nacional de Medicina, Colégio Anatômico Brasileiro, Serviço Médico da Ação Social da Arquidiocese do Rio, Academia Nacional de Medicina e Sociedade médica de S. Lucas do Rio, Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil e Sociedade Brasileira da Neurologia, Academia de Medicina da Universidade de São Paulo, Instituto Brasileiro de História da Medicina, Academia Nacional de Medicina, Classe Médica de Sobral (SILVA, 2010, p. 27-29).

¹⁵ Para realização desta pesquisa foram consultados os Anais do 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos reimpressos em 2010, pelo médico Marcelo Gurgel Carlos da Silva em parceria com a Academia Cearense de Medicina. Os Anais do Congresso foram publicados originalmente em 1947 e, por ocasião do sexágésimo quarto aniversário do 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, os Anais do evento foram reimpressos *ipsis litteris*, na íntegra e mantendo, segundo os editores, a originalidade dos textos e do formato, criando, assim, apenas um novo volume, no qual, no final da obra foi acrescido duas novas partes: uma intitulada “contextos” que procura contextualizar o evento no cenário nacional e regional do Ceará e outra intitulada “À memória dos organizadores, expositores e participantes” na qual está dedicada a uma perfil biográfico dos médicos que expositores do Congresso.

A delegação belo horizontina de médicos católicos chegou à Fortaleza no dia 29 de junho, e se fez representar pelos médicos: Francisco de Souza Lima - presidente da Corporação de Médicos Católicos de Belo Horizonte -, José Amaral Castro, José Ribeiro Filho, Jaime Werneck, Mário Pires, Mário Vaz de Melo, Mercedo Moreira Paulo Miranda, Paulo Souza de Lima e Theófilo de Souza Lima, todos estes membros e, com exceção de Mercedo Moreira, fundadores da Corporação de Médicos Católicos de Belo Horizonte. Além destes, estavam também presentes na comitiva os médicos Josias Vaz de Oliveira, Roberto Almeida de Cunha e Olinto Orsini de Castro, que, como vimos, embora não tenham sido membros da CMC, eram professores da Universidade de Medicina de Minas Gerais, e foram fundadores da Associação Médica São Lucas, primeira associação médica católica de Belo Horizonte, em 1929 (SILVA, 2010, p. 27-29).

A programação do Congresso consistia em atividades diárias, iniciadas pelas missas ocorridas no início da manhã, seguido das visitas às obras de caridade local, com as Sessões de Estudo e as Sessões Solenes, ocorridas no período vespertino e noturno. Os trabalhos inscritos para apresentação dos médicos católicos durante o evento foram divididos em duas sessões: a primeira, chamada **sessão de estudo**, tinha como tema a *Vida espiritual, vida científica e vida profissional*, foi composto por quatorze estudos – *Eutanásia; Eugenia; O problema da continência; O fator endocrínico na continência masculina; O problema da continência nos três estados; Aborto terapêutico; Problema social-religioso da mãe solteira; A limitação da prole I-II; Os efeitos do neo-maltusianismo; Relação do médico com os enfermos; O médico da família e dos sindicatos; O médico, o patrão e operário; A colaboração cristã na profissão médica*. A segunda, chamada de **sessão solene**, foi dividida em outros quatro subgrupos, sendo o primeiro com o tema *Dia da Razão e da Fé* composto pelos trabalhos intitulados *A medicina e a fé; O facto do milagre na medicina; O médico e a pessoa humana*. O segundo subgrupo, cujo tema era *Dia da Ação Católica*, foi composto pelos estudos intitulados *O médico ante o panorama do Brasil de hoje; A medicina e a questão social; O papel do médico na Ação Católica*. A terceira subdivisão, cujo tema foi *Dia da Família*, tinha os estudos intitulados como *O médico e a dignidade da família; O médico e a família numerosa; O médico e a educação*. A quarta subdivisão cuja temática era *Dia das associações religiosas* foi composto pelos estudos intitulados *Penitência e medicina; Eucaristia e Medicina; Batismo e extrema-unção à luz da Medicina* (SILVA, 2010, p. 21-22).

A conferência de abertura do 1º Congresso de Médicos Católicos foi proferida pelo presidente da Comissão Executiva, dr. João Otávio Lobo. O conferencista procurou demonstrar a existência de uma “crise do mundo atual” cujos reflexos são sentidos no Brasil, e suas causas, não é tão somente

“uma crise de braços, de pão, de salários, de trabalho, de capital. É, sobretudo, uma crise de ordem”. Para o médico, é no seio familiar que opera o início da desordem que “abalam os sedimentos geológicos, [...], em seus vários estratos, que se não afinam mais, como um todo harmônico, pela infração dos princípios básicos da ordem jurídica e moral”. A desordem, mencionada pelo médico, é “o vírus que atualmente vai inficionando *[sic]* epidemicamente a família é o afrouxamento da moral católica” e assim, conclui o conferencista que “o médico, no seu sacerdócio clínico-moral, é, por sua autoridade, um esteio de segurança no seio da família” e que o médico católico “luta esta batalha de renovação cristã, em contacto com a família e a sociedade, nas creches, nas maternidades, nos dispensários, nos hospitais, nas escolas e nas universidades, uma força de coesão na defesa do patrimônio de nossa civilização” (LOBO, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 97-98).

A comitiva de médicos católicos de Belo Horizonte desempenhou relativo papel dentro do Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, não sendo, assim, meros espectadores do evento, pois segundo consta nos anais do Congresso, os médicos católicos da capital mineira, além de terem acompanhado o evento participando das missas diárias, sessões solenes e das sessões de estudo, destacaram-se também pela participação nas Comissões do Evento. Nesse sentido, menciona-se, em especial, a atuação do médico Roberto de Almeida Cunha que integrou a Comissão Científica do 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, além de ter ministrado duas Conferências no certame, intituladas, respectivamente “*O papel do médico na Ação Católica*” (SILVA, 2010, p. 135-141) e “*Relações do Médico Católico com os enfermos*” (SILVA, 2010, p. 221-229), além de outras duas palestras externas ao evento: a primeira conferida na Escola Preparatória de Cadetes de Recife, intitulada como “*Saber querer para poder vencer*” (SILVA, 2010, p. 313-318) e uma outra conferência proferida na Liga das Senhoras Católicas cujo título foi “*O problema católico das famílias numerosas*” (SILVA, 2010, p. 319-328).

Em estudo intitulado *Relações do Médico Católico com os enfermos*, Dr. Roberto de Almeida Cunha, expôs aquilo que deveria ser “a síntese [do] que se poderá chamar a *Deontologia do médico católico*” (grifo do original) (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 221). A deontologia médica católica como proposta pelo Dr. Almeida Cunha trazia traços amalgamados de uma reflexão profissional, filosófica sobre o corpo, a saúde e a doença além da ética profissional, articulando tudo a um código de conduta médico moral, pretendendo representar a síntese dos modos de ser e agir do médico católico. Assim, dividida entre sete princípios, a deontologia médica católica versava desde as questões profissionais e éticas relativas ao exercício da medicina - como a vocação do médico católico e os dilemas do segredo

profissional constituído pela relação médico/paciente - até acerca da questão da remuneração médica e do exercício caritativo médico passando pelas questões de ordem espiritual que envolvem o fazer médico católico. A caridade era apontada como característica essencial da medicina católica e a atuação do médico deveria fazer presente a todo momento da vida do paciente: assim, caberia ao médico católico, além dos cuidados clínicos com o corpo, os cuidados com a alma. A deontologia do médico católico é constituída pela premissa de que o indivíduo é constituído por corpo e alma, sendo uma indissociável da outra, cabendo ao médico católico considerar em sua prática a cura de um sendo a cura do outro.

Uma reflexão operada pelo médico católico de Belo Horizonte propunha enfrentar os dilemas colocados diante da questão da profissionalização da medicina e das responsabilidades do médico católico com seu paciente. De acordo com o Dr. Cunha, a responsabilidade médica está dividida entre *responsabilidade moral* – “responder sempre pelos nossos atos perante Deus, quer afetem eles ou não as nossas relações exteriores com o cliente” –, *responsabilidade legal* – “tudo o que ocorre à Sociedade ou ao nosso cliente em consequência de um ato nosso” – e *responsabilidade profissional* – “é a que intervém a cada momento por descuido, por erro removível, pelo descaso de orientar-se devidamente em tempo útil, pela cumplicidade em manobras culposas do cliente ou de sua família” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 223). Segundo Cunha, a(s) responsabilidade(s) do médico encontra-se com o segredo profissional que o médico católico deve resguardar do paciente. Assim, argumenta o médico que “o segredo profissional complica-se para o médico católico de modo notável pelas facetas múltiplas que se podem apresentar e pelo contínuo bombardeio que lhe fazem por vezes os poderes públicos, certas leis verdadeiramente iníquas, a família ou os responsáveis pelo doente, as exigências da saúde ou do bem estar públicos, o bom conceito de outros profissionais ou de colegas” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 224).

A relação médico/paciente expressa na confiança e no segredo médico, segundo o qual, Dr. Almeida Cunha diz ser “a cidadela mais assaltada da profissão médica ao longo da história da Humanidade” é parte essencial dos deveres dos médicos, contudo, para o “médico católico nesta particularidade são apenas mais severos porque existe o sentido da consciência *sic* moral que estende até à intimidade da consciência *sic* o limite que a lei restringiria bem mais.” Assim, o médico católico “não deve e nem pode” curvar-se “a leis iníquas que, através dos tempos, tem a miúdo surgido” e, portanto, “a noção de responsabilidade do médico católico tem para ele exatamente a consequência de

que não pode submeter-se a autoridade alheia para fazer o que sabe não ser lícito.” Salienta o conferencista que o médico não é um juiz e deve ao paciente a não divulgação de sua moléstia - “o sífilógrafo que atende um cônjuge contaminado não revelará ao cônjuge são o que ocorre; não poderá ele recusar ao que é seu cliente o segredo que lhe exige” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 224).

Se os embates e as questões que envolvem a profissionalização da medicina são comuns a todos os médicos, sejam eles católicos ou não, o Dr. Almeida Cunha demarca a existência de uma série de deveres que competem somente aos médicos católicos, pois “defluem da sua simples condição de católico” mas que não são “propriamente profissionais”. Estes deveres católicos dialogam com os fazeres médicos profissionais, pois, segundo Almeida, tantas vezes os médicos são os mais próximos dos pacientes e “a autoridade do médico, que, de hábito, só é superada pela do sacerdote, constitui *sic* um fator garantido da eficiência do apostolado, chegando ao vulto de um verdadeiro delito de omissão que se abstenha de intervir no momento si é a única pessoa em condição de agir” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 226). Assim, as fronteiras que demarcam a prática médica católica estão na capacidade e no dever de que os médicos católicos possuem em ministrar os sacramentos aos doentes, conforme argumenta o Dr. Almeida Cunha. Nas palavras do médico católico, “a recepção dos sacramentos pelo doente é fato que pode ser conseguido ou obstado pelo médico, nas mais das vezes, com pouco esforço. É sempre para o médico católico um dever ter presente ao espírito a investigação do melhor momento para intervir discreta e eficientemente” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 226). Caberia, assim, ao médico católico, por sua proximidade com paciente na hora do nascimento e da morte, a possibilidade de ministrar o batismo - “está o médico católico obrigado a propor o batismo ao moribundo” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 224) - e a extrema unção.

Para além dos sacramentos, Almeida argumenta também uma outra fronteira entre os médicos católicos e não católicos: para os médicos católicos é vedada qualquer prática médica definida pelo conferencista como neo-maltusiana, constituindo, assim, uma visão moral sobre o sexo e a reprodução humana. Segundo Almeida, as práticas neo-maltusianas são aquelas que procuram limitar a prole, como os anticoncepcionais e o aborto. Postula, assim, Cunha que “as manobras anticoncepcionais são sempre ilícitas e que o aborto terapêutico, profilático ou simplesmente solicitado é sempre ilícito [...]. Parto provocado com feto imaturo e vivo é transgressão do imperioso princípio divino: não matarás” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 225). Almeida conclui refletindo sobre os direitos do casal acerca do caso da “abstenção matrimonial”. Reflete o conferencista sobre a licitude ou ilicitude da

escolha do casal, concluindo que é “lícito ao casal satisfazer ou abster se do ato conjugal em qualquer tempo” contudo, se é lícita a abstenção, indaga o conferencista “resta saber si é louvável” (ALMEIDA, 1946 *apud* SILVA, 2010, p. 226).

Considerações finais

Ainda são incipientes as pesquisas sobre o associativismo leigo profissional no Brasil. Menos ainda são as pesquisas históricas sobre os médicos católicos, contudo, parece ser possível traçar algumas afirmações que somente o desenvolvimento da pesquisa histórica nacional e regional conseguirá avaliar. Desta forma, é possível perceber uma tendência de expansão e formação de diversas corporações médicas católicas no Brasil durante a primeira metade do século XX, todas parte de um contexto sociorreligioso vivenciado no campo médico durante a profissionalização da medicina.

Ainda que nascidas em um contexto socioreligioso de inspiração do catolicismo social e da neo-cristandade, da Ação Católica e do estímulo para atuação do laicato católico no mundo das profissões, isso não impediu que estas corporações médicas católicas tenham se constituído como espaços de luta e militância profissional, revelando, a partir de suas características devocionais, um determinado aspecto e modo de compreender e exercer a profissão. Talvez tenha sido por isso que o 1º Congresso dos Médicos Católicos nasceu para celebrar a criação da primeira Corporação Médica Católica de Fortaleza, a mesma que alguns meses depois levaria à criação da Faculdade de Medicina do Ceará.

Nesse sentido, o Congresso Brasileiro de Médicos Católicos obteve relativo êxito no que se propôs a constituição de uma grande conferência médica acadêmica que mobilizasse agentes políticos, religiosos e médicos católicos para debater questões de ordem profissional médica e propor uma deontologia médica católica, isto é, um código ético e normativo sobre como ser e como atuar enquanto um Médico Católico, procurando imprimir à profissão médica um modo de ser e de exercer a profissão a partir dos entrelaçamentos com o mundo católico.

A pesquisa mostrou que as estratégias profissionais e as necessidades de inserção no mercado de trabalho, em um contexto onde a autoridade médica (STARR, 1991) deveria ser construída em reforço com a imagem social do médico (MARQUES, 2005), a aproximação com o catolicismo foi um

dos caminhos disponíveis para os médicos investirem na construção de suas respectivas carreiras profissionais. Em Belo Horizonte a Corporação de Médicos Católicos refletiu, desta maneira, aspectos do contexto religioso, da militância médica e das formas como os médicos recém formados na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em sua maioria forasteiros na capital, procurando ainda os caminhos para construir suas respectivas carreiras profissionais.

Ademais, ao contexto religioso, Belo Horizonte vivenciava a expansão do campo médico e da assistência à saúde, que foram formadas mediante as parcerias entre a Prefeitura da Capital e a SSVP. A expansão da assistência em Belo Horizonte seguiu o ritmo do crescimento desordenado da capital. Não obstante, a formação da assistência à pobreza, e em especial a atenção à saúde esteve correlacionada às dimensões desiguais do desenvolvimento sociourbano e das ocupações territoriais. Desta forma, a prestação dos serviços assistenciais na capital refletiu e materializou as desigualdades dos processos de desenvolvimento sociourbano de ocupação da capital.

Outra característica do processo de desenvolvimento do campo da saúde em Belo Horizonte foi a disposição e o trânsito de agentes médicos, clericais e políticos entre estas instituições, mesclando crenças pessoais às militâncias profissionais. As relações de proximidade entre a Igreja e Faculdade de medicina de Belo Horizonte se notabilizaram pela ação de seus agentes. Assim, o processo de institucionalização da medicina e das demais instituições que compõem o campo da saúde em Belo Horizonte foi caracterizado pela criação de instituições destinadas à assistência à saúde com ampla participação das instituições religiosas, sobretudo vicentinas, e marcado pelo trânsito dos agentes leigos e religiosos entre os campos científico e católico.

Referências

Festa de São Lucas. **Associação Brasileira de Médicos Católicos**. 18 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.medicoscatolicos.org.br/espiritualidade/s%C3%A3o-lucas/festa-de-s%C3%A3o-lucas>. Acessado dia 08 de outubro de 2025.

BOSCHI, Caio César; PINHEIRO, L. A. (Org.). **A Arquidiocese e o laicato**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2015.

CIDADE OZANAM – Histórico da Sociedade São Vicente de Paulo. **Sociedade São Vicente de Paulo**. Pág. 1-10. Caixa: 231. S. Sub-divisão: Cidade Ozanam. Pág. 5 [Documento não datado]. Arquivo da Arquidiocese de Belo Horizonte.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã: o ensino superior, da colônia à Era Vargas.** São Paulo: editora UNESP, 2007.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Caminhos operários nas Minas Gerais: um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República.** HUCITEC-ED. UFMG, 1988.

ESTATUTO da Corporação dos Médicos Católicos (1936). **Sociedade São Vicente de Paulo.** Caixa 231, Arquivo da Arquidiocese de Belo Horizonte.

GONÇALVES, Marcos. Caridade, abre as asas sobre nós: política de subvenções do governo Vargas entre 1931 e 1937. **Varia Historia** 2011, 27(45), p. 317–336 - 2011.

LIVRO DE ATAS 1927-1936, **Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paulo, Belo Horizonte.** Sociedade São Vicente de Paulo, 1927-1936.

LOBO, João Otávio. A oração inaugural, (1946)1947 *in*. SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. (Org.) **1º Congresso brasileiro de Médicos Católicos**, Fortaleza: Expressão, 2010. Pág. 117.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936.** Belo Horizonte, Editora: O Lutador, 1990.

MARQUES, R. C. **Imagem social do médico de senhoras no século XX.** Belo Horizonte: Coopmed, 2005.

O HORIZONTE, 8 de abril de 1929.

PEREIRA NETO, André de F. **Ser médico no Brasil: o presente no passado.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

RODRIGUEZ, Ana María Teresa. **Médicos, Iglesia y Estado. Tensiones entre discursos, políticas y prácticas sobre la construcción política de los cuerpos generizados em la Argentina de los años '30-'45.** Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de La Pampa, Diciembre, 2005.

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. (org.) **1º Congresso brasileiro de Médicos Católicos**, Fortaleza: Expressão, 2010.

STARR, Paul. **La transformación social de la medicina em los Estados Unidos de América.** Secretaría de salud, México, 1991.

150 anos da SSVP. **Sociedade São Vicente de Paulo.** Pág. 7. Caixa: 231. Arquivo da Arquidiocese de Belo Horizonte. [1983].

VIEIRA, Lucas Lolli. **A corporação dos médicos católicos e a assistência à saúde e à pobreza em Belo Horizonte entre 1930-1940.** 2020. 379 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

VISCARDI, Cláudia. M. R.. **A Capital Controversa.** Revista do Arquivo Público Mineiro, v. XLIII, p. 28-41, 2007.